



# UM SALTO DE AUTOCONSCIÊNCIA

**Notas da síntese de Julián Carrón  
na Assembleia dos Responsáveis  
de Comunhão e Libertação na Itália  
Pacengo di Lazise (Verona), 11 de março de 2018**

**Notas da síntese de Julián Garrón  
na Assembleia dos Responsáveis de Comunhão e Libertação na Itália  
Pacengo di Lazise (Verona), 11 de março de 2018**

*Haja o que houver  
Canção de Maria Clara*

“Em nossos olhos os fatos, em nossas mãos os códigos”, dizia Santo Agostinho (*Sermo 360/B,20: Sermo sancti Augustini cum pagani ingrederentur*). Neste momento, o sinal mais evidente se tivemos ou não nos olhos os fatos que comprovam a presença viva de Cristo é a maneira como recitamos os Salmos (os códigos). Tendo nos olhos os fatos, os Salmos nos falam com uma densidade e uma profundidade que de outro modo nos escapariam. O Salmo 45 que acabamos de recitar é quase uma síntese de tudo o que vivemos e dissemos nestes dias. Quem sabe o que terá experimentado a pessoa que o escreveu, que experiência de Deus terá tido! Tendo de enfrentar os desafios da vida, não pôde olhar para eles senão com o Senhor nos olhos: “O Senhor para nós é refúgio e vigor, / sempre pronto, mostrou-se um socorro na angústia; / assim não tememos, se a terra estremece, / se os montes desabam, caindo nos mares, / se as águas tropejam e as ondas se agitam, / se, em feroz tempestade, as montanhas se abalam. / [...] [Mas] à morada do Altíssimo / quem a pode abalar?”, pois “Deus está no seu meio!” (“Salmo 45”, In: *O livro das horas*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2016, p. 22).

Essa certeza não vem à tona olhando a vida da janela, mas deixando-se desafiar por cada tremor de terra. Assim, toda vez que percebemos um baque do real, podemos reconhecer: “Conosco está o Senhor do universo! / O nosso refúgio é o Deus de Jacó! / Vinde ver, contemplai os prodígios de Deus / e a obra estupenda que fez no universo”. Tudo faz parte do caminho para conhecê-Lo. É só enfrentando as dificuldades, os desafios e as circunstâncias concretas que podemos reconhecer um Outro em ação: “Parai e sabeis, conheci que eu sou Deus, / que domino as nações, que domino a terra!” (Ibidem). Não é uma definição vazia, mas uma realidade tão presente, que se torna mais evidente quanto mais poderoso for o desafio. Se o nosso caminho não

for isso, ou seja, se não houver uma verificação, a nossa fé terá um prazo de validade, cedo ou tarde diminuirá, não porque cheguemos a fazer algo particularmente contrário a ela, mas porque prevalecerá o medo, num determinado momento prevalecerá outra coisa em vez da Sua presença.

Então, com essas palavras do Salmo nos olhos, podemos olhar para o que vivemos.

**A VERIFICAÇÃO DA FÉ: O CRESCIMENTO DO EU**

Começamos na sexta-feira à noite relembando com Dom Giussani que “no início [...] procurava-se construir sobre algo que estava acontecendo e nos tinha investido”. Estando consciente de que a muitos de nós essa atitude parece ingênua, não realista, Dom Giussani nos desafia: “Por mais ingênua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura”; e acrescenta: “Por tê-la como que abandonado, tendo-nos atido a uma posição que foi, diria eu, acima de tudo uma ‘tradução cultural’ [por termos preferido medir a nossa presença em termos de consequências tiradas por nós] mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos [...] Cristo [...] porque não nos é familiar” (*Una strana compagnia*. Milão: BUR, 2017, p. 88-9).

Como lembramos no Dia de Início de Ano, Dom Giussani indica um critério para verificar se no nosso caminho estamos conhecendo realmente a Cristo: o ponto de partida com que entramos no real. “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento”, como vimos no Salmo: diante de qualquer tremor, o ponto de partida é sempre um Acontecimento. A alternativa é muito simples: quem não parte do Acontecimento, como é que entra no real? “O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas” (“Acontecimento e responsabilidade”, *Litterae comunioneis*, n. 4 mai./jun. 1998, p. 23), uma impressão, por exemplo, o tremor.

Nestas semanas, as eleições foram uma ocasião para verificarmos a fé: isto é, pudemos ver se o nosso ponto

**A verificação da fé é vista no crescimento humano de gente que não se deixou determinar pela desconfiança**



de partida para enfrentar essa circunstância foi um Acontecimento ou a nossa impressão. Cada um de nós assumiu uma atitude, fez uma escolha, e agora pode verificar o que prevaleceu. Vimos que em muitos italianos prevaleceu “uma determinada impressão das coisas”. Muitos ficaram em casa, pois neles venceu a desconfiança ou o desencorajamento; pensaram: “Não há nada que fazer”. Em outros, como ainda mostram os resultados, despontou o medo ou a raiva. Como um de vocês disse ontem, a questão é o que essas tentativas expressam. Podemos abster-nos de julgar, tirando o corpo fora, ou então tentar entender o que está por trás, o que trazem à tona essas tentativas pelas quais muitos tentaram responder a algo que os impressionava, muitas vezes sem conseguirem captar a sua densidade. Como disse quem falou no começo da assembleia, essa impressão se traduziu em imagens de resposta que são expressão de um vazio existencial – de uma “insegurança existencial”, diria Dom Giussani –. Mas esta já é a primeira verificação de que alguém partiu do Acontecimento: se consegue ultrapassar a superfície, captar a natureza verdadeira, última do problema, se é capaz de julgar o limite da resposta, reconhecendo que não é adequada. Sempre me lembro

do exemplo da garota catalã e do referendo – não lhe foi necessário fazer um curso em Harvard para esclarecer as ideias –: o sinal mais evidente de que estava determinada por um Acontecimento e não pela impressão, pela ideologia em que tinha nascido e em que esteve mergulhada por anos, era como conseguiu desmascarar na hora a pretensão totalizante da ideologia. A primeira verificação da fé é representada pela capacidade de ver: de ver o real.

Em tudo o que dissemos temos uma exemplificação do que pode responder à situação atual: este é “o tempo da pessoa”, dizia Dom Giussani. E a verificação da fé é vista, como apareceu ontem, justamente no crescimento humano de gente que não se deixou determinar pela desconfiança ou pela raiva ou pelo medo, mas se moveu tendo como ponto de partida um Acontecimento, que deu a todo mundo um olhar mais verdadeiro sobre o real. Isto indicou a virada: estivemos disponíveis a apostar tudo no caminho que estamos fazendo, que tem como verificação, como comprovação da sua verdade, o crescimento do nosso eu.

No caderno *la Lettura*, do *Corriere della Sera* de domingo passado, havia um artigo que descrevia a >>

» situação em que estamos: “Que distingue hoje a civilização ocidental das outras? O cansaço moral, talvez. A principal causa da crise cultural de uma civilização é a perda das convicções, o enfraquecimento das instituições”, ou seja – ao fim e ao cabo – uma incapacidade de ver: já não se veem com clareza as coisas elementares, por um enfraquecimento do sujeito, que tem como consequência todo o resto. Qual é o risco? O jornalista respondia: “O risco é [...] [a] tribo”, dito sinteticamente, ou seja, o fato de nos fecharmos para nos defender do medo. E “ao medo que nos paralisa” é preciso contrapor – expressava-o na sua linguagem – “a coragem de criar cidadãos novos e autênticos”, porque o que é “preocupante”, como indica a reportagem, é o “déficit educacional e uma deterioração antropológica” (D. Breschi, “...o identità culturale”, *la Lettura – Corriere della Sera*, 4 de março de 2018). O grande desafio é educacional, diz respeito primeiramente e em última instância à educação.

### A PESSOA: UMA CONSTANTE DA NOSSA HISTÓRIA

Eu desejo que o que estamos vivendo, que é acima de tudo – como dizíamos no início – uma experiência, nos permita entender melhor e finalmente, como um passo de autoconsciência, o que Dom Giussani nos disse insistentemente, em várias ocasiões, por um longo período de tempo.

“O início do Movimento [nos primeiros dez anos] era [todo] dominado pelo problema da pessoa! E a pessoa é um indivíduo, a pessoa é um indivíduo que diz ‘eu’. Durante muito tempo, um pouco preocupados em exagerar, somente nós dissemos que o eu é a autoconsciência do cosmos, isto é, que toda a realidade é feita para o homem. Criando o mundo, Deus [...] tinha como objetivo a afirmação da pessoa. [...] ‘Criei [tudo] para que houvesse uma criatura que tomasse consciência de que Eu sou tudo’. [...] Os primeiros anos, a primeira dezena de anos, antes que o ’68 trouxesse uma grande reviravolta, colocando como tema, de modo angustiante, não tanto o eu, mas a sua ação na sociedade, a conquista do poder [...], antes do ’68 o tema com que eu iniciava sempre os Exercícios [...] era constituído por uma frase de Jesus [...]: ‘O que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a própria vida?’” (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*. Milão: BUR, 2014, pp. 337-9). Os primeiros dez anos eram dominados por essa consciência.

Em 1972, pouco depois da reviravolta do ’68, ele diz: “Chegou [...] um momento muito grave para o nosso movimento: é um momento em que o nosso movimento

já não pode tolerar, nem mais um minuto sequer, uma posição associacionista, associativista. Chegou o momento em que já não podemos subsistir – no sentido de que já não nos podemos aceitar – se as coisas não nascerem da vida, [...] de baixo como vida mudada”. É impressionante que tenham de ser os nossos filhos, como contou o amigo que falou ontem, quem nos lembra disso. Giussani continua: “O desastre da contestação pôde acontecer, porque o valor da autoconsciência ainda não tinha sido despoletado [atenção ao que ele diz logo a seguir, parece ser o cúmulo da mais absoluta ingenuidade!], e só se salvaram [do desastre] os que, no fundo, tinham a ingenuidade da Samaritana e de Zaqueu” (*Luigi Giussani. A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, pp. 451-2). Deixa sem palavras!

Em 1992 Giussani volta à carga: “O primeiro interesse nosso é [...] o nosso próprio sujeito. O primeiro interesse nosso é que o sujeito humano seja constituído, [...] que eu entenda o que é e tenha consciência dele [que tenha uma consciência verdadeira de mim]” (*In cammino*, op. cit., p. 99). Esta foi a sua primeira preocupação.

E novamente em 1998 ele retoma a frase de Jesus sobre ganhar tudo e depois perder-se a si mesmo, reiterando que “do ’68 em diante diminuiu um pouco, mas agora a retomamos, porque o resultado da política ou da ‘revolução’ [ou seja, de termos deslocado a nossa atenção para a política; no começo citamos a sua expressão: “Tendo-nos atido a [...] uma ‘tradução cultural’ mais do que o entusiasmo por uma Presença”] nos fez ver as consequências extremas de uma falta de consciência, de autoconsciência do eu”

(*Ibidem*, p. 339). Os fatos que aconteciam faziam com que ele entendesse com cada vez mais clareza essa falta de autoconsciência como a coisa mais problemática. Pensando no que estamos vivendo, desejo que isso possa servir também para nós, para darmos um salto na consciência do que somos.

Por mais de quarenta anos, foi esse o ponto de partida de Dom Giussani. “No tempo que vivemos, chegamos como que à costa arenosa de uma aridez, de um deserto humano, onde o sujeito da pena é o eu: não a sociedade, mas o eu [ontem escutamos o nosso amigo sacerdote contando dos suicídios entre os adolescentes!], porque pela sociedade se matam também todos os ‘eus’ possíveis e imagináveis. Enquanto para nós a sociedade nasce da existência do eu [como vimos: muitos ‘eus’ se moveram nestes tempos – por ocasião da Coleta de Alimentos, das eleições, etc. –, dos ‘eus’ que criaram ‘sociedade’].

**“O primeiro interesse nosso é o nosso próprio sujeito”, que eu tenha uma consciência verdadeira de mim**

‘Crescei e multiplicai-vos’, ordenou o Senhor a Adão e Eva: mas a natureza da tarefa de Adão e Eva, do seu terem sido criados como personalidades individuais, é uma companhia entre eles: o homem não pode viver, não pode conhecer, alimentar-se a si mesmo, senão na companhia de outro, no encontro com outro [como veremos depois]. Estamos, como eu dizia, como que na areia, na costa arenosa de um colapso terrível na vida social” (Ibidem, pp. 340-1). Dizia isso em 1998.

Neste contexto, como se faz para subsistir? “Como se faz então para resistir? Como se faz para apresentar uma alternativa [...] [a esse] predomínio do poder?”. A indicação de Dom Giussani é clara: “O único recurso para frear a invasão do poder está nesse vértice do cosmos que é o eu [...]. O único recurso que nos resta é uma forte retomada do sentido cristão do eu. Digo no sentido ‘cristão’ não por um preconceito, mas porque é unicamente, de fato, o discurso de Cristo, a atitude de Cristo, a concepção de Cristo, a concepção que Cristo tem da pessoa humana, do eu, é só isso que explica todos os fatores que nós sentimos impetuosos dentro de nós, emergindo em nós, pelo qual [...] nenhum poder poderá esmagar o eu como tal, impedir o eu de ser eu” (Ibidem, pp. 341-2). Desse eu nasce, depois, uma sociedade.

“O destaque do valor do eu”, continua Dom Giussani, “foi não somente a razão de um aprofundamento, de um desenvolvimento da religiosidade como categoria fundamental do eu, mas também a origem fascinante da relação com todos os níveis do conhecimento, a origem da leitura da experiência humana tal como a fazem os homens mais geniais, mais dotados de [...] sensibilidade” (Ibidem, pp. 342-3), como Leopardi, o autor que como poucos captou verdadeiramente o que é o eu.

Já em 1990 Giussani afirmava: “Quanto mais duros são os tempos, mais é o sujeito o que conta [...]. O que conta é o sujeito, mas o sujeito [...] é a consciência de um acontecimento, o acontecimento de Cristo, que se tornou história para você mediante um encontro, e você o reconheceu” (*Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*. Milão: BUR, 2013, p. 39). Para quem se dá conta de qual é a urgência (como o jornalista do *Corriere* citado), o problema é como fazer surgir sujeitos novos. Dom Giussani continuava: “Temos de colaborar, ajudar-nos a fazer surgir sujeitos novos, pessoas conscientes de um acontecimento que se torna história para elas, senão podemos criar redes organizacionais, mas não construímos nada, não damos nada novo ao mundo. Por isso o que mede o crescimento do Movimento” não são os

resultados, os êxitos do nosso fazer, mas “a educação para a fé da pessoa [esta é a medida: o aumento da fé da pessoa, que coincide com o aumento da sua autoconsciência]: reconhecimento de um acontecimento que se tornou história. Cristo se tornou história para você [...] está dentro do seu ser” (Ibidem). Se Ele não entrar no nosso ser, dentro dos recantos do nosso ser, nós enfrentaremos a vida partindo das nossas impressões, e não de um Acontecimento.

#### O MÉTODO: SEGUIR O ACONTECIMENTO

A verdadeira questão para cada um de nós, o salto de consciência através de tudo o que estamos vivendo, é pois entender cada vez mais que o método que Giussani nos entregou consiste no próprio acontecimento que ocorre, no “acontecimento de Cristo, que se tornou história para você mediante um encontro” (Ibidem). É só seguindo esse acontecimento que podemos ser gerados como “eu”, como sujeitos capazes de oferecer algo de novo ao mundo, porque “ninguém gera, se não é gerado” (L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”. *Litterae Communionis*, n. 58. jul./ago. 1997, p. XXVI). Dom Giussani nos lembrava sempre que “a nossa companhia é definida por um método. Podemos afirmar que a ‘genialidade’ do nosso movimento está toda no seu método [...]. É justamente preservando a autenticidade do método que o conteúdo da nossa experiência pode ser transmitido” (L. Giussani, “Da fé, o método”. *Passos*, n. 101. fev. 2009, p. 4). A questão crucial, portanto, se quisermos passar da intenção à realização, é seguir o método, preservar a autenticidade do método. É o que

destacamos em muitas ocasiões nestes anos, falando da “história particular” como pedra angular da concepção cristã, da qual também tivemos uma comprovação nos diálogos de ontem.

Qual é, de fato, “a atitude mais razoável diante do acontecimento cristão”? O seguimento. Eis as duas vertentes do método: acontecimento e seguimento. O acontecimento suscita o *seguir*. Esse “método”, observa Giussani, “tem como sua fonte o ‘choque’ com uma presença imprevisível e grande, que a razão reconhece como literalmente ‘sobre-humana’”. O seguimento “se origina na fé, que é o reconhecimento, na própria vida, de uma presença excepcional ligada ao destino”, que constantemente nos atrai, nos fascina. “A fé chega a invadir todo o horizonte da vida [desde o dia a dia até as eleições, as necessidades, a doença, justamente] por meio da **»**

**É só seguindo que podemos ser gerados como “eu”, como sujeitos capazes de oferecer algo de novo ao mundo**

» relação com uma presença que corresponde ao coração”. E a verificação da capacidade da fé de transformar a vida se realiza no real, pela forma com que enfrentamos – a cada dia, a cada instante – as circunstâncias, quando ocorre um imprevisto, quando algo dá errado, ou quando é uma maravilha e mesmo assim não basta, pois, “fora do encontro com uma presença excepcional, é impossível fugir da trágica constatação: ‘Nada de novo sob o sol’”. É no confronto com o real que nos damos conta se, desde o começo do dia, o nosso ponto de partida é o Acontecimento ou outra coisa.

A verdadeira luta consiste precisamente nisto: seguir um acontecimento ou seguir a nossa análise. Agora conseguimos entender mais conscientemente a frase de Dom Giussani que há anos repetimos: “A cultura de hoje considera impossível conhecer, mudar a si mesmo e à realidade ‘apenas’ seguindo uma pessoa”, porque “a pessoa, em nossa época, não é contemplada como instrumento de conhecimento e de mudança, já que estes são entendidos de maneira redutiva, o primeiro como reflexão analítica e teórica, e a segunda como práxis e aplicação de regras”. De que é que esperamos o conhecimento e a mudança? De uma genialidade analítica, por isso sempre temos de recorrer aos especialistas. Eis por que vamos levar para o túmulo a alternativa indicada por Giussani: “Em vez disso, João e André, os dois primeiros que se depararam com Jesus, justamente seguindo essa pessoa excepcional aprenderam a conhecer de um modo diferente e a mudar a si mesmos e à realidade. A partir do instante daquele primeiro encontro, o método começou a se desenvolver no tempo” (Ibidem, p. 4-7).

Como veem, a alternativa é radical. É essa escolha que se joga em cada ocasião dentro da cultura atual; e para nós também, como pertencentes a essa cultura, a tentação é a análise, é nos separarmos do acontecimento para conhecer e mudar a nós mesmos e às coisas. É como se, vendo um acidente de carro, a criança tirasse os olhos do pai que observa o acidente (como dissemos na sexta-feira à noite): não seria capaz de ficar na frente desse fato sem medo, prevaleceria uma impressão de terror. Uma de vocês me dizia ontem que seu filho não conseguia entrar no quarto de um amigo seu, jovem, que tinha morrido, enquanto ela não chegasse; com ela, ele entrou. Mas isso diz respeito só às crianças e aos jovens? Infelizmente nós achamos que isso seja ingênuo e então, como Kant, dizemos: a relação com uma presença é necessária para as crianças, mas nós, que chegamos à maioridade, conseguimos viver sem ela.

### UMA TENTACÃO SEMPRE À ESPREITA

Qual é, então, a tentação? É “afastar-se’ desse seguir, pela presunção [vejam!] de já saber o que é pedido para seguir. Desse modo, a pessoa cai na parcialidade, na recusa da correção, na suspensão da tendência à realização”. Por isso, continua Dom Giussani, “o grave erro é suspender o método, pensando substituí-lo pela própria capacidade” (Ibidem, p. 8), como pensava Kant. Esta é uma tentação sempre à espreita. Jesus mesmo a denuncia: “Ai de vós, doutores da Lei, porque ficastes com a chave da ciência [tomastes posse dela]: vós mesmos não entrastes, e ainda impedistes os que queriam entrar” (Lc 11,52). Não há outra chave da ciência senão o maravilhamento, o de João e André: “Em vez disso, João e André [...] seguindo essa pessoa excepcional aprenderam a conhecer de um modo diferente e a mudar a si mesmos e à realidade”. O Papa comentava assim a frase de Jesus: “Perderam a chave da inteligência porque perderam o sentido da proximidade de Deus” (Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 19 de outubro de 2017), ou seja, afastaram-se de Deus, da Sua presença histórica.

Esta é a consequência de não seguir o método do início (o método que pertence ao próprio acontecimento – acontecimento e seguimento), de separar-se dele em nome do já sabido. Trata-se de uma tentação sempre à espreita para cada um de nós, como foi para Pedro. Ele diz a Jesus a maior coisa que um ser humano poderia ter dito: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”, tanto que teve como resposta: “Feliz és tu, Simão, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu” (cf. Mt 16,16-17). Mas um instante depois

cai na tentação, faz o teste de como não tinha entendido o sentido daquela frase que ele mesmo tinha dito a Jesus – assim como nós fazemos depois de pronunciar certas frases de Dom Giussani. Jesus lhe diz: “Vamos para Jerusalém, que o Messias deve sofrer e ser morto”. “Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!”. Em nome do já sabido, Pedro põe Jesus no banco dos réus; um instante depois de tê-Lo reconhecido como Filho de Deus, põe-se a censurá-lo. E Jesus: “Vai para trás de mim, pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim as dos homens!” (cf. Mt 16,21-23). Ainda bem que sempre há Jesus a nos retomar e recolocar nos trilhos, porque nós, na primeira curva, já estamos fora da linha. Qual é a condição para nos recolocar nos trilhos? Que Ele possa permanecer presente como presença, uma presença que nós seguimos. “Pensem em João e André: durante toda a vida deles, o

**É no confronto com o real que nos damos conta se o nosso ponto de partida é o Acontecimento ou outra coisa**



presente mais presente foi o presente daquele dia. Não há nada de comparável [àquele dia], exceto a renovação daquele dia todos os dias da vida deles” (L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*. Milão: BUR, 2011, p. 363).

Este é o maravilhamento do qual nós também participamos: a renovação daquele dia em todos os dias da nossa vida, de modo que cada coisa que vivemos, cada coisa que enfrentamos, cada circunstância é ocasião para vê-Lo em ação. Se o acontecimento de Cristo, o acontecimento do encontro com Ele, ficasse confinado no passado, já não poderia determinar o presente, nós seríamos definidos apenas pelas nossas impressões. Por isso, a renovação daquele dia em todos os dias dita a atitude para termos, que é a do primeiro dia: “A atitude moral, no caminho da fé é a obediência”, o “seguimento de uma presença excepcional encontrada”, o seguimento desse maravilhamento. “A obediência constitui [...] a virtude própria do seguir” (“Da fé, o método”, op. cit., pp. 8-9).

#### **O TESTE: “QUEM ME SEGUE RECEBERÁ O CÊNTUPLO NESTA VIDA”**

Mas o que é o seguir? Uma coisa que cada um tem de imaginar? Dom Giussani nunca nos deixou nesta ambiguidade. Portanto, o que significa seguir o que nos aconteceu, aquela forma de ensinamento a que fomos entregues? “É preciso viver a conversão [como dissemos no Dia de Início de Ano]: não a mim, mas ao que me foi dito” (L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, *Litterae comunioneis*, n. 4 mai./jun. 1998, p. 27-28), ou seja, devemos seguir o que o Senhor continua a nos dar através do que faz acontecer diante dos nossos olhos, como vimos nestes meses. Quem seguiu e segue essa modalidade está, na forma de enfrentar a vida, sendo determinado por uma Presença que cada vez se torna mais familiar, de cuja verdade cada um faz a verificação. Jesus, com efeito, não nos disse ►►

» apenas: “Segue-me!”. Junto com essa indicação nos deu também o critério para verificar se é razoável esse seguir. Em que consiste a razoabilidade do seguir? No cêntuplo: “Quem me segue receberá cem vezes mais nesta vida” (cf. Mt 19,29); não o cêntuplo que você imagina, porque o cêntuplo prometido por Jesus é muito mais do que o que você consegue imaginar, é sem medida. Se fosse o cêntuplo que você imagina, seria sempre muito pouco para a capacidade da alma.

Querem saber se estão seguindo? O teste foi sugerido diretamente por Jesus: verifique se, seguindo-O, você vive o cêntuplo, ou seja, se está mais contente, se é mais livre, se é mais capaz de não viver se lamentando, se consegue enfrentar todas as circunstâncias, boas ou más, com uma positividade última. Verificamos então se, seguindo Cristo, não perdemos a vida vivendo: porque com tudo o que já sabemos podemos tranquilamente perder a vida. O teste é este, não dá para errar: se se vive com mais entusiasmo, com mais interesse, tudo o que acontece. Não dá para blefar. Tentem autoconvencer-se de que estão vivendo o cêntuplo! Impossível. Não dá para blefar!

Perante o vazio existencial, nós só podemos dar uma contribuição se formos capazes de colocar no real “algo” que possa responder a esse vazio. Mas é a partir do que vivemos, não fazendo uma reflexão em abstrato, é por força do que vivemos e do caminho que estamos fazendo – que brotou nestes dois dias e foi lembrado por tudo o que foi dito até aqui – que se esclarece a tarefa que temos. Senão seremos inúteis para todos, e em primeiro lugar para nós mesmos, porque não será o tempo que passa que nos ajudará a compreender o que estamos fazendo no mundo.

Então, diante dos desafios que estamos enfrentando – nós e a sociedade –, o que é que podemos oferecer? São cada vez mais numerosos os que esperam de nós uma luz que ilumine a sua estrada. “Os cristãos saiam do armário”, gritava das colunas de um jornal espanhol a jornalista Pilar Rahola. “Pode ser que nem todos tenham a fé deles, mas essa fé nos torna a todos melhores” (P. Rahola, “Beleza desarmada”, *La Vanguardia*, 21 de maio de 2017). “Precisamos de vocês”: dizem-nos muitas pessoas e de todas as maneiras. “Não precisamos das coisas que vocês têm na cabeça, precisamos de vocês”; muitos estão interessados no que temos de diferente de todos, uma diferença que nasce da experiência do carisma que nos foi dado e que chega aos outros pelas circunstâncias, por um encontro.

Poderemos verificar se cresce a autoconsciência da tarefa que temos pela forma como agirmos nos próximos tempos: cada um poderá ver se cresceu a autoconsciência e a clareza da tarefa pela maneira como puser a mão na massa, como enfrentar as dificuldades, como se interessar pelos necessitados, como reagir diante dos desafios que tiver pela frente. Ajudem-nos, com o testemunho recíproco, a esclarecer cada vez mais o caminho. Penso sobretudo nos jovens, que com o iminente Sínodo o Papa está colocando diante de todos como uma emergência: somos capazes de lhes comunicar algo à altura da pergunta deles, da inquietação deles? Conseguimos responder à necessidade que vimos surgir nas eleições, não à imagem de necessidade formulada um tanto ou quanto desajeitadamente, mas ao que está por trás e de onde surge essa imagem? E, antes ainda, conseguimos entender autenticamente a sua natureza? Já daqui dá para entender, com efeito, se fazemos parte daquela “história particular”, cuja verdade é comprovada na criação de sujeitos capazes de interceptar com clareza a necessidade humana. Só quem percorreu o caminho para identificar a sua própria necessidade, encontrando e fazendo experiência do que realmente lhe responde, é que pode entender também a necessidade dos outros, comunicando com a própria vida a Presença que abraça e muda a nossa humanidade, que “torna possível o impossível”.

**Quer saber se está seguindo? Verifique se vive o cêntuplo, se está mais contente, se vive tudo com uma positividade última**

Terminamos então relendo a frase de Dom Giussani que escolhemos para o Cartaz de Páscoa, porque descreve de forma sintética a raiz de tudo: “Desde o dia em que Pedro e João correram ao sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo pode ser mudado. Desde então e para sempre um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – de maneira misteriosa, mas certa – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, torna-se visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-conosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida”.